

A luta de classes no Governo Trump: autoritarismo e colapso social

JOÃO PAULO URBANO

Ao examinar o declínio da hegemonia global dos Estados Unidos, a ascensão da China se consolida como principal catalisador desse processo. No entanto, as análises predominantes focam excessivamente em fatores externos, restringindo-se a comparações bilaterais de poder econômico e influência geopolítica. Essa abordagem, ao enfatizar elementos exógenos, acaba negligenciando os fenômenos internos que minam as estruturas da sociedade norte-americana, fator decisivo para entender a crise hegemônica em curso. Ao priorizar uma visão externalista, tais análises ignoram as crescentes contradições materiais no âmbito doméstico dos EUA e seus profundos impactos.

Nos últimos anos, particularmente durante a administração Trump, a sociedade americana testemunhou o agravamento de conflitos sociais que resultaram na eclosão de tensões políticas acumuladas por décadas. Nesse cenário de polarização radicalizada, o governo Trump tem buscado estabelecer um projeto de poder abertamente neofascista e neoliberal. Essa abordagem se concretizou por meio da progressiva centralização autoritária de poder no Executivo, aliada a medidas autoritárias econômicas que beneficiam ostensivamente o grande capital, isto é, os mesmos grupos que financiaram sua campanha e que hoje ocupam posições estratégicas no aparato estatal (Oliveira; Silva, 2025).

No atual cenário de radicalização política, a administração Trump tem adotado uma série de medidas marcadamente reacionárias. Entre as ações mais emblemáticas desse governo, destacam-se as deportações em massa de trabalhadores imigrantes, os cortes drásticos em gastos públicos de áreas sociais essenciais, a promoção de políticas com viés transfóbico e misógino, além de demissões em massa de funcionários federais, medidas que têm gerado instabilidade e amplo descontentamento (Cohen, 2025).

Essa conjuntura, somada, tem atuado como um catalisador inesperado: a reorganização e o fortalecimento dos movimentos populares. Antes fragmentados, esses grupos encontraram um ponto de união na resistência às políticas da administração Trump, mobilizando-se em torno de uma agenda comum. Como resultado da intensificação da repressão aliada a tais medidas impopulares, as políticas governistas têm atuado para unificar diferentes vertentes do ativismo, consolidando uma oposição mais organizada e coesa.

Para além das análises sobre política externa e as relações entre China e Estados Unidos, a conjuntura interna oferece elementos cruciais que não podem ser ignorados. Compreender o declínio da hegemonia americana exige, necessariamente, uma análise de como essa crise se manifesta dentro da própria sociedade estadunidense. O acirramento da luta de classes nos Estados Unidos é um reflexo direto da crise hegemônica em escala global. Analisar esse fenômeno é essencial para entender como, no plano doméstico, pode estar se configurando o fim do império americano no cenário mundial.

A Consolidação da Extrema Direita

A consolidação da extrema direita americana não ocorreu de maneira abrupta, mas sim por meio de um crescimento gradual ao longo das décadas. Esse processo teve como principal catalisador a precarização crescente das condições de vida da classe trabalhadora e a erosão contínua do “sonho americano” para amplos setores da população, especialmente entre os mais pobres. Independentemente do partido no poder, a dificuldade cada vez maior de acesso à saúde pública, à moradia digna e a empregos estáveis alimentou um crescente sentimento de frustração e revolta, criando assim o terreno fértil para o surgimento de retóricas radicais.

Um exemplo claro desse contexto pode ser encontrado quando observamos de perto os indicadores sócio econômicos. No ano de 2022, aproximadamente 1,2 milhão de crianças estavam desabrigadas nos Estados Unidos. Esse número superava a quantidade de crianças abrigadas em 28 estados do país, evidenciando uma grave fragilidade social (National Alliance to end Homelessness, 2024). Essa realidade é reflexo de uma desigualdade econômica que atingiu níveis históricos. Atualmente, o 1% mais rica

concentra uma parcela da riqueza nacional equivalente à soma dos rendimentos dos 45% mais pobres (Foster, 2025). Nas últimas décadas, um dado surpreendente, é de que um CEO norte-americano recebe 296 vezes mais do que um trabalhador médio (Nos EUA [...], 2014). A combinação entre a estagnação da renda dos trabalhadores e a redução progressiva das proteções sociais criou as condições ideais para a exploração política desse descontentamento.

Embora o fortalecimento da extrema -direita seja um processo de longo prazo, a crise financeira de 2008 funcionou como seu gatilho decisivo. Esse evento expôs as falhas estruturais do sistema, aprofundou a desigualdade e intensificou a precarização do mundo do trabalho. Nesse contexto de insatisfação, ganharam força movimentos como o Tea Party Group, uma organização extremista cujo nome alude à histórica “Festa do Chá de Boston” (Foster, 2025). Em vez de mirarem nas elites financeiras responsáveis pelo colapso, esses grupos direcionaram o descontentamento popular contra populações vulneráveis, como imigrantes e minorias. Utilizando um discurso racista e misógino, eles converteram a crise econômica em uma narrativa de ódio, desviando o foco das verdadeiras causas do problema.

Dessa forma, o contexto social e ideológico estava armado para que esses grupos passassem a dominar a cena. Aliado a isso, estava uma conjuntura na qual o declínio da hegemonia global dos EUA culminou numa postura mais agressiva das elites financeiras na imposição do seu poder econômico frente ao poder político do Estado. A decisão da Suprema Corte em 2010 foi um caso marcante desse cenário. A C suprema corte, pressionada por esses mesmos grupos, decidiu liberar ilimitadamente o financiamento que grandes empresas poderiam fazer para campanhas políticas (Martins, 2025). Com recursos abundantes, grupos como o *Tea Party* receberam financiamento diretamente das famílias mais ricas do país, como a família Koch, que buscavam impulsionar cada vez mais movimentos extremistas de direita (Foster, 2025).

O resultado não poderia ser outro, o *Tea Party Group* conseguiu eleger 87 políticos para o congresso norte-americano, dentre eles, o atual secretário de Estado, Marco Rubio, na época, eleito senador pelo estado da Flórida (Foster, 2025). Além do poder econômico desmedido, financiado pelas corporações multibilionárias, a consolidação da extrema direita se beneficiou das estruturas típicas do sistema eleitoral americano que promovem a manutenção

de um poder oligárquico. Prova disso é que a maioria dos eleitos pelo *Tea Party Group*, vieram diretamente dos chamados “*gerrymandered districts*”, regiões nas quais existe uma manipulação geográfica nos desenhos do distrito para favorecer um determinado partido. Tal sistema é feito a mais de séculos e se tornou uma prática comum na “democracia” americana (Kirschenbaum; Li, 2021). Ao concentrar eleitores opositores em poucas regiões e dispersar seus próprios apoiadores, essa prática garante vitórias mesmo sem maioria popular, distorcendo a representação e fortalecendo grupos extremistas.

Foi nesse contexto histórico que a extrema direita pôde se consolidar e vencer, vencer pela primeira vez, a corrida presidencial de 2016. Trump já fez referência direta ao *Tea Party Group*, dizendo que hoje eles se transmutaram no MAGA (“*Make America Great Again*”) (Foster, 2025), seu próprio movimento que o levou a conquistar alcançar dois mandatos presidenciais. O giro que Trump vem fazendo, de assumir cada vez mais abertamente seus anseios neofascistas e traduzir isso em medidas práticas, torna o cenário cada vez mais preocupante. O autoritarismo vem crescendo não só na retórica, mas em medidas que afrontam diretamente o sistema democrático e tem encontrado o respaldo de seus apoiadores que com o passar dos anos estão cada vez mais radicalizados. A extrema -direita, hoje, se encontra-se consolidada e no controle do aparato estatal, e será preciso um nível de organização e mobilização popular massiva para derrotá-los.

Estopim social: resistência e confronto

Nesse contexto, as mobilizações populares de grupos de esquerda e progressistas ganharam força notável. A imposição de políticas autoritárias e neoliberais pelo governo Trump funcionou como um catalisador, unificando e fortalecendo esses grupos antes fragmentados. A resistência a medidas como deportações em massa, cortes em gastos sociais e políticas discriminatórias deu novo fôlego à mobilização social, unindo diferentes vertentes do ativismo em uma agenda comum de oposição.

Atualmente, os Estados Unidos vivenciam ondas de mobilizações em níveis inéditos neste século. Movimentos sociais, antes enfraquecidos ou isolados, encontraram na figura de Trump um inimigo comum e um ponto de

convergência para suas lutas. A retórica e as ações do governo, ao atacarem diretamente direitos civis, minorias e trabalhadores, impulsionaram uma oposição cada vez mais coesa. Protestos históricos, como as Marchas das Mulheres, exemplificam esse fenômeno, atraindo multidões às ruas dos estados americanos sob o protagonismo feminino na luta anti-Trump (Berger; Taft, 2025).

Observou-se, assim, um crescimento do engajamento de base, com a formação de novos coletivos e o fortalecimento de organizações já existentes. Essa resistência se manifestou em diversas frentes, desde a defesa de imigrantes e refugiados contra políticas de deportação, passando pela luta por direitos LGBTQIA+ e igualdade racial, até a oposição a cortes em programas sociais e ambientais.

Paralelamente, cortes orçamentários drásticos em programas sociais aprofundaram as dificuldades da classe trabalhadora. A redução de verbas no programa WIC (Mulher, Bebê e Criança), por exemplo, ameaça deixar mães solteiras de baixa renda sem acesso a planos de saúde, creches e assistência nutricional para seus filhos (Griffin; Nair; Orbach-Mandel, 2025). Ao mesmo tempo, os cortes no Programa de Assistência de Energia colocam milhões de famílias em risco de passar frio durante o inverno, por não terem como arcar com os custos do aquecimento de suas próprias casas (Smith, 2025). Nos dois casos, os relatórios apontam como as famílias negras serão as mais afetadas.

No campo da imigração, o governo buscou criminalizar ainda mais essa população ao reativar a Lei de Registro de Estrangeiros, que obriga não-cidadãos a se registrarem e a fornecerem relatórios sobre suas atividades (Koidl, 2025). Essa aliança entre o neoliberalismo brutal que visa cortar gastos sociais para os mais necessitados e uma perseguição a minorias raciais de caráter abertamente fascista, representou um duro golpe para a classe trabalhadora.

Diante desse cenário, as tensões acumuladas deram origem a novos focos de resistência. Los Angeles, uma das maiores e mais diversas cidades dos Estados Unidos, tornou-se um epicentro da oposição às políticas de Trump, especialmente no que tange à imigração. As deportações em massa, com metas de três mil prisões diárias pelo Serviço de Imigração e Alfândega, miraram deliberadamente "cidades-santuário" como Chicago e Los Angeles (Trump [...], 2025). As batidas do ICE na região,

muitas vezes realizadas de maneira inconstitucional, têm gerado a revolta da população (Azare; Burns, 2025). Além disso,, e os protestos que tomaram a cidade não foram manifestações isoladas, mas um reflexo da profunda insatisfação que cresce em todo o país.

Um novo movimento que busca unificar a oposição, denominado 50501, ganhou força nos Estados Unidos. O nome faz alusão à sua meta original: organizar 50 protestos, nos 50 estados, em um único dia. Contrariando as expectativas, a mobilização foi um sucesso e superou em muito o objetivo inicial. Em 14 de junho de 2025, em que é comemorado o Dia da Bandeira, 820 protestos eclodiram em cidades americanas, reunindo aproximadamente 6seis milhões de pessoas (Demopoulos, 2025). Estima-se que mais de 1,5% da população foi às ruas para se manifestar contra o presidente, que no momento participava da tradicional parada militar do feriado.

Marcados por confrontos com as forças de segurança e pela presença da Guarda Nacional, os atos evidenciaram a intensidade da luta de classes e a disposição da população em resistir ao autoritarismo. Apenas em Los Angeles, a polícia prendeu dezenas de manifestantes e feriu centenas com gás lacrimogêneo, balas de borracha e *spray* de pimenta (McFadden, 2025). A resposta do governo Trump, que incluiu o envio de fuzileiros navais e a federalização de tropas da Guarda Nacional para conter as manifestações, apenas acirrou os ânimos e solidificou a percepção de um governo autoritário.

O dia 14 de junho de 2025 ficará marcado na história dos Estados Unidos como o palco de uma das mais massivas e nacionalizadas manifestações de rua do país. A grande ironia da data é que, além de ser o Dia da Bandeira –, uma celebração que tradicionalmente reaviva o nacionalismo americano –, é era também o dia do aniversário de Donald Trump. O ex-presidente aproveitou a parada militar do feriado para se promover, o que gerou uma repercussão negativa e intensificou a revolta. Entre os manifestantes, eram comuns os gritos e cartazes com a frase "*No Kings*" (Sem Reis). Essa palavra de ordem foi popularizada pela organização homônima, "*No Kings*", que se baseia no princípio dos 3,5% – (a teoria de que basta a mobilização de 3,5% da população de um país para derrubar um governo autoritário) (Photos [...], 2025). A organização já planeja novos protestos e continua a mobilizar cidadãos para futuras datas.

A explosão de mobilizações e novas formas de organização

social desmascara a administração de Donald Trump e seus aliados, cuja repressão violenta apenas confirma o quanto se sentem acuados. A tendência é que os protestos se tornem uma constante, a menos que o governo recue em suas políticas. O dilema é claro: ceder às ruas significaria enfrentar a fúria de sua base de apoiadores. Ciente disso, o governo aposta na urgência de sufocar a crise nas ruas pelo uso desmedido da força. No fundo, a crise interna espelha a decadência da hegemonia global americana, levando a uma gestão que vê no autoritarismo sua única tábua de salvação. Enquanto Trump responder às vozes das ruas com violência, mais se afundará na crise que ele mesmo criou.

Considerações Finais

A análise do governo Trump e da conjuntura política recente nos Estados Unidos revela que a crise da hegemonia americana no cenário global está intrinsecamente ligada às suas contradições internas. Limitar a compreensão desse declínio a fatores externos, como a ascensão da China, oferece uma visão incompleta que negligencia o acirramento da luta de classes e a profunda polarização social em solo americano. O fortalecimento de uma extrema -direita de caráter neofascista, encontrou no governo Trump um promotor para a implementação de uma agenda autoritária e neoliberal que aprofundou as tensões sociais acumuladas por décadas. A análise dos fenômenos domésticos, portanto, não é um complemento, mas um elemento central para compreender a dimensão e a natureza da crise hegemônica em curso.

Tais contradições, no atual sistema global, são intensificadas pelo domínio do capital financeiro sobre o aparato político, tornando inviável o sonho de Donald Trump de restaurar uma era de ouro industrial já superada. A nostalgia de um passado de pleno emprego e domínio produtivo não se sustenta na realidade presente, o que demonstra que a resiliência do império americano está minada por seus conflitos internos. Compreender as contradições internas da sociedade americana é, portanto, compreender a raiz da crise de hegemonia. Dessa forma, ainda que um declínio completo seja um processo gradual, o império já revela fragilidades estruturais. Se essas fissuras, visíveis tanto no plano doméstico quanto no internacional, não forem superadas, ele sucumbirá ao peso de suas próprias contradições.

Referências

AZARE, S.; BURNS, R. "Don't Open the Door": How Chicago Is Frustrating ICE's Campaign of Fear. **In These Times**, 30 jan. 2025. Disponível em: <https://inthesetimes.com/article/dont-open-the-door-how-chicago-is-frustrating-ices-campaign-of-fear>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BERGER, E.; TAFT, I. Thousands Gather to Oppose Trump on International Women's Day. **The New York Times**, 8 mar. 2025. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2025/03/08/us/politics/international-womens-day-protests-trump.html>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COHEN, S. Tracking the Trump Administration's Harmful Executive Actions: U.S. **House of Representatives**, 2025. Disponível em: <https://cohen.house.gov/TrumpAdminTracker>. Acesso em: 25 jun. 2025.

DEMOPOULOS, A. Were the No Kings protests the largest single-day demonstration in American history?. **The Guardian**, 19 jun. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2025/jun/19/no-kings-how-many-protesters-attended>. Acesso em: 25 jun. 2025.

FOSTER, J. B. The U.S. Ruling Class and the Trump Regime. **Monthly Review**, 1 abr. 2025. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2025/04/01/the-u-s-ruling-class-and-the-trump-regime/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

GRIFFIN, K. T.; NAIR, N.; ORBACH-MANDEL, H. Equity on the Line: The Dangerous Cost of Cutting Support for Black Women. **California Budget & Policy Center**, mai. 2025. Disponível em: <https://calbudgetcenter.org/resources/equity-on-the-line-the-dangerous-cost-of-cutting-support-for-black-women/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

KIRSCHENBAUM, J.; LI, M. Gerrymandering Explained. **Brennan Center for Justice**, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://www.brennancenter.org/our-work/research-reports/gerrymandering-explained>. Acesso em: 25 jun. 2025.

KOIDL, L. New Immigration Registration Rule for Foreign Nationals (US). **Employment Law Worldview**. 18 abr. 2025. Disponível em: <https://www.employmentlawworldview.com/new-immigration-registration-rule-for-foreign-nationals-us/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

Referências

MARTINS, M. Suprema Corte dos EUA libera financiamento de campanhas políticas por grandes empresas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jan. 2010. Disponível em: <https://oglobo.globo>.

MCFADDEN, A. How Many People Have Been Arrested Since the L.A. Protests Began?. **The New York Times**, 10 jun. 2025. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2025/06/10/us/la-protest-arrests-immigration.html>. Acesso em: 26 jun. 2025.

NATIONAL ALLIANCE TO END HOMELESSNESS. **Nationwide, More Children Live in the State of Homelessness than in Most American States**, 27 ago. 2024. Disponível em: <https://endhomelessness.org/resources/sharable-graphics/nationwide-more-children-live-in-the-state-of-homelessness-than-in-most-american-states/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

NATIONWIDE photos of no kings protests. **THE ASSOCIATED PRESS**, 15 jun. 2025. Disponível em: <https://apnews.com/photo-gallery/no-kings-protest-trump-us-b5de52994b7c592034fb19b7d3e9d577>. Acesso em: 25 jun. 2025.

Nos EUA, CEOs ganham 296 vezes o salário do funcionário médio, revela pesquisa. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/nos-eua-ceos-ganham-296-vezes-salario-do-funcionario-medio-revela-pesquisa-13720748>. Acesso em: 25 jun. 2025.

OLIVEIRA, L.; SILVA, V.H. Como Musk conseguiu cargo no governo Trump e o que esperar a partir de agora. **G1**, Rio de Janeiro, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/21/como-musk-conseguiu-cargo-no-governo-trump-e-o-que-esperar-a-partir-de-agora.ghtml>. Acesso em: 25 jun. 2025.

PHOTOS Photos of anti-Trump 'No Kings' demonstrations across the US. **AP News**, 15 jun. 2025. Disponível em: <https://apnews.com/photo-gallery/no-kings-protest-trump-us-b5de52994b7c592034fb19b7d3e9d577>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SMITH, D. LIHEAP cuts could leave thousands of Pennsylvanians without heat this winter. **MSN**, 24 jun. 2025. Disponível em: <https://www.msn.com/en-us/news/politics/liheap-cuts-could-leave-thousands-of-pennsylvanians-without-heat-this-winter/ar-AA1HiTUD>. Acesso em: 25 jun. 2025.

Referências

TRUMP Trump estabelece meta de 3 mil prisões de imigrantes por dia e 1 milhão por ano. In: Infomoney, **AGÊNCIA O GLOBO**. 30 maio 2025. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mundo/trump-estabelece-meta-de-3-mil-prisoas-de--imigrantes-por-dia-e-1-milhao-por-ano/>. Acesso em: 25 jun. 2025.